DOCUMENTÁRIO

Cartas de El-Rei D. João IV ao Conde da Vidigueira (Marquês de Niza) Embaixador em França

Publicadas e prefaciadas pelo Acadêmico Titular Fundador P. M. Laranjo Coelho — Volume I — Lisboa MCMXL.

Por duplicadas cartas tenho dado particular conta a V. Majestade das cousas que me moveram a deferir, ao que se me propôs por os dois Deputados, que me enviaram do Recife de Pernambuco os do Conselho Supremo da Holanda, que ali residem, com ocasião de se lhe haverem levantado os moradores portuguêses, que dominavam haverem-se lhe passado as duas tropas de índios e Negros, que residiam no Rio Real, com Camarão, e Henrique Dias, usando do mesmo desafôro, sem ordem, nem obediência alguma; Pedindo-me os ditos Deputados mandasse recolher a êstes inobedientes e atrevidos, e fazer sossegar aos tumultuosos moradores; os quais também por suas cartas, me pediam lhe acudisse, para os não deixar destruir, havendo considerado atentamento o que por uma, e outra parte, se me representava, e feito junta de tôdas as pessoas, de maior juízo, e postos, e comunicado, com os mesmos Deputados dos holandeses, os meios, de que poderia usar para melhor condescender com suas propostas, e averiguado, que convinha, que se não dilatasse, e que importava fazer que Camarão, e Henrique Dias se recolhessem logo, com suas duas tropas de negros, e índios, e que êles o não haviam de fazer, como tão culpados no que haviam cometido, sem fôrça bastante que o obrigasse e pudesse em caso de sua Contumácia, forçar, com o castigo, a desistir, e recolher-se, e que da mesma maneira se

não haviam de reduzir os moradores, com razões, e ordens antes cresceria sua sedição e veria a perder-se o tempo em os persuadir sem redundância alguma, era sòmente precisamente necessário formar um grosso de Infantaria, com que mandar acudir a estas desordens, e fazê-las sossegar, e poder castigar aos que duvidassem, e que assim ficariam os holandeses satisfeitos, e os índios de Camarão, e Negros de Henrique Dias recolhidos ou castigados, e os moradores compostos, e sossegados. Tratei com o assento do referido de superar algumas dificuldades, por poder apressar a execução dêste modo, dispondo os possíveis, para com êles servir aos vizinhos e aliados, nesta ocasião, com que lhe tornei a enviar os seus dois Deputados, e fiz aparelhar alguns dos navios, que aqui tinha para acudir a Angola em caso que os Castelhanos a intentassem, como se dizia, e nêles mandei a Jerônimo Serrão de Paiva, e aos mestres de Campo Martim Soares e André Vidal, com a Infantaria que pude, dando conta por mar, e por terra aos do Conselho Supremo de Holanda ao Recife, do que os socorria, e de como tudo ia a sua ordem, para que dispusesse, o que melhor lhes parecesse.

Chegaram as nossas Embarcações a Tamandará, donde logo os Cabos delas e da Infantaria, o assumiram ao Recife, e havendo depois disto chegado aqui a esta Baía do Rio de Janeiro, o General das frotas dêste Estado Salvador Corrêa, lhe pedi quisesse também, pois ia de caminho para êsse Reino, ir a dar fundo defronte do a Recife, e oferecesse aos holandeses, para o que lhes quisessem, de seu serviço, para o efeito do que me tinham pedido, como o fêz, e se lhe respondeu pelos do Conselho supremo, que lho agradeciam, e que podia fazer sua viagem com os Galeões e mais frota que trazia, o que logo fêz Salvador Corrêa, e se tornou o cabo das embarcações, que primeiro daqui partiu com o socorro, para o mesmo pôrto de Tamandará, donde havia saído, acompanhando a frota de Salvador Corrêa.

Tendo-se da minha parte procedido, com êste bom ânimo, e desejo de poder ajudar, e servir aos holandeses, compondo aos moradores com êles, havendo usado de um tão grande primor, sòmente a fim de seu benefício foi a grata recompensa, haverem maliciosamente tomado por motivo a sedição dos moradores, para me poderem mandar pedir-lhes acudissem por meus constrangentes, para me empenharem e fazerem destituir, da maior parte das fôrças, com que me achava, como fiado em nossa amizade, e licença, de pazes, o fiz; e assim poderem melhor, e mais a seu salvo cometerem a mais atos e abominável ação, que ia mais se houvera visto, como se verifica de haver antecipadamente prevenido uma Armada de onze baixéis, como seu próprio que ia deitasse, (sic) com que mandaram assaltar as nossas embarcações, que estavam em Tamandará, onde

mandei a levar-lhe o socorro, e ali as tomaram e queimaram, matando aos mais, dos que nelas se achavam, e ainda procurando escapar a nado, os não perdoaram, havendo-os os nossos recebido com tôda a demonstração de paz, e alegria, foi a paga indigna, de referir-se de Racionais, e premeditadamente assim disposta, e por terra haviam também lançado algumas grossas tropas, de Infantaria e degolar as duas, que mandei a seu serviço, com Martim Soares, e André Vidal, havendo prevenido, que se lhes negasse, e impedisse, o sustento ordinário em cujo extremo constrangidos da última necessidade o procuraram, e logo foram com Armas, e violências dos holandeses atalhados, e para se defenderem usado dos meios naturais para poderem chegar a Serrinhaem, onde tivessem os mantimentos que se lhe negavam, e foi tal o rigor dêste excesso, que chegaram a persuadir-se os nossos, que aquêles holandeses, e índios, que ali se achavam, deviam também de estar levantados contra os do Conselho Supremo, e mais holandêses que assistiam no Recife, havendo-se ali tomado alguns dêstes índios, os mandaram logo os nossos enforcar, parecendo-lhe, que com aquêle exemplo se sossegaria, os mais de ajudar a Camarão, e aos moradores que persistiam contra os holandeses.

Nesta forma iam os nossos esperando a resposta das cartas, que haviam escrito aos do Conselho Supremo ao Recife, quando lhes chegou a nova do sucedido às nossas embarcações em Tamandará, parecendo-lhe, que deviam ser alguns navios de Castela, e que era impossível, que fôssem de holandeses, a que êles vinham socorrer, e assim tomaram os mestres de campo Martim Soares, e André Vidal a escrever outras cartas aos do Conselho Supremo, ao Recife, sem haverem tido respostas das primeiras, achando-se confusões, e atalhados, e com tudo sem desistirem do intento, a que os mandei de seguirem em tudo, e por tudo, o que os holandeses do a Recife lhe ordenassem, os quais cavilosamente então, lhe não haviam enviado resposta, nem ordem alguma, antes mandado reforçar, com gente, e sair-lhe do cabo de Santo Agostinho a impedir poderem os nossos sustentar-se, nem dar um passo, e vendo-se sem resposta de suas cartas, e sem ordem, que esperavam dos holandeses do a Recife, e totalmente impossibilitados a poder-se sustentar, compelidos dêste rigor, e experimentando qual era a tenção, de os haverem procurado, queimando-lhe suas Embarcações, não lhe deferindo as suas cartas, tirando-lhe o sustento, que para se segurarem desta violência, e poderem suprir a extrema necessidade, em que se viam, lhes foi forçado arrimar-se ao mesmo presídio que os holandeses tinham em Nazareth, e de que eram perseguidos, e procurarem reduzi-los, a que os não tratassem como a Inimigos, pois sòmente iam a ajudá-los e se-

guir suas ordens, e êles não só lhes pareceu justificada a proposta, mas achavam-se tão irritados, dos têrmos de seus superiores, que pediram, lhes deixassem passar-se, para esta praça, para dela o poderem fazer para suas terras, e contudo prosseguiram os nossos atalhar as desordens, que os moradores cometiam na campanha havendo saído com alguns dos seus soldados o mestre de Campo Vidal chegou incobertamente, e prendeu a um João Fernandes Vieira, que era a cabeça principal dos sediciosos e trazendo-o já prisioneiro o alcançou o tumulto, e furor popular, e lho tomaram com fôrça e com vozes sem motim juntos foram correndo em demanda dos holandeses que se achavam na várgea, e logo André Vidal avisou ao Mestre de Campo Martim Soares, que marchasse com tôda a gente para acudirem com ela, ao furor do excesso do povo, como fizeram achando-o já com os holandeses Reduzidos a uma Casa, e êles todos dispondo a pegar-lhe o fogo a tempo que acudiu o mestre de Campo André Vidal levando um trombeta, com uma bandeira branca, e ainda assim lhe tiraram os holandeses, e lho mataram, e deram duas pelouradas no seu cavalo, e contudo chegou aos moradores com a espada na mão, e os fêz sossegar e desistir do incêndio e morte, que procuravam dar, e deram logo, a todos os holandeses, se o dito André Vidal não fôra.

Contudo isto tomaram os mestres de Campo Martim Soares, e André Vidal a escrever ao Recife, queixando-se dos têrmos, que com êles se haviam usado e de se lhe não haver respondido, e de outros excessos, a que os holandeses lhe responderam com a carta que com esta vai a cópia autêntica, mostrando-se queixosos dos procedimentos dos nossos, como V. Majestade sendo servido poderá mandar ver.

E senhor muito particular o meu sentimento, porque quando me pareceu que obrava nesta ocasião, com tôda a ponderação e acêrto, em socorrer aos holandeses, como a nossos aliados, vizinhos, e amigos, vejo haver resultado tudo tanto ao contrário, como experimento, com que se me enviaram os Deputados do Recife, para debaixo dêsse têrmo chegarem a poder obrar uma tão grande atrocidade, como a de queimarem as Embarcações que lhe mandei, matando a maior parte da gente delas, e mandarem matar à fome, ou a ferro, com a fôrça de sua Infantaria, e armas aos mesmos que mandei, e indo por terra a fazer o que êles lhes mandassem, e não contentes com isto chegando a fazer-lhes cargo, do que referem na sua carta, que passa tudo tanto ao contrário, como lhe notório.

Dizem que trataram os nossos de peitar a um dos seus, para lhe entregarem uma das mais importantes fortalezas daquele estado, havendo a última necessidade da fome a que obrigaram aos nossos, e os mais atos de hostilidade que com êles fizeram os do cabo de Santo

Agostinho, a que se arrimassem a êle, para se poderem defender, e não perecerem.

Dizem que desembarcaram os nossos com um tão grande poder de Infantaria, lançando em sua jurisdição, sem seu conhecimento, e com pretexto, e fantástica interpretação da carta que me escreveram, havendo tomado-se êste assento com aprovação dos seus Deputados, e mandado pouco mais de mil soldados sòmente, escrevendo-lhe Eu por mar e por terra, dêste socorro, que lhes enviava, com particular notícia do que por os servir havia resolvido.

Dizem que foi uma tão poderosa Armada nossa à vista da barra do a Recife, a qual como Relato nesta a V. Majestade foi a frota de Salvador Corrêa, que ia para êsse Reino, e se deteve aí sòmente, as horas, que os holandeses quiseram a cujas ordens estêve.

Dizem que lhe invadiram os nossos o forte de Serinhaem muito mais estranhado pela morte e tantos naturais a sangue frio; em Serinhaem não havia forte, e os que ali se achavam foram os que vieram a impedir aos nossos (de que presumiram, o que refiro a V. Majestade) e achando, que os índios, os que assistiam aos moradores sediciosos, e a Camarão, que os ajudava, mandaram fazer dêles justiça, em ajuda, a favor dos mesmos holandeses, a quem iam socorrer.

Dizem que ùltimamente a nossa gente lhes fôra dar opressão as suas tropas, que tinham na campanha, sendo que a socorrê-las sòmente saíram e marcharam a acudir-lhe, como o fizeram, e lhes valeram, para que os sediciosos a não queimassem no engenho de Torlon, e casa, em que a último estado as tinham reduzido.

Dizem que haviam sido demonstrações as dos nossos, e casos contrários à paz, e prova de hostilidades, que mandavam executar contra aquêle Govêrno, e que da sua parte podem, com tôda a verdade afirmar, que nunca mandaram tomar armas, em ofensa de V. Majestade; o que dispus, e fiz obrar em socorro dos holandeses, é bem notório, do que fica referido, não só em conformidade da nossa paz inviolàvelmente observada, mas procurando dar-lhe satisfação, com fazer retirar, e castigar a Camarão, e Henrique Dias, como me pediram, e socorrê-los contra os mesmos portuguêses, para lhos tornar a reduzir a seu domínio, e os atos de hostilidades foram tanto primeiro por êles cometidos, como se vê, de terem prevenido Armada, e de irem com ela queimar as nossas Embarcações, de matarem a gente delas e de haverem lançado tropas pela campanha a impedirem aos com que os mandei socorrer, não só o poderem ir, para onde êles lhes ordenassem, mas dilatando-lhe as ordens, e respostas de suas cartas, e mandando positivamente impedir-lhe o sustento, para assim os consumirem, e acabarem de todo, e se não houvera escandalizado ao mundo, os têrmos de que tem usado com suas armas em ofensa de

V. Majestade, debaixo de segurança de paz, contraída, assentada e publicada, puderam usar da afirmação, que fazem, de que nunca mandaram a tomar armas, em ofensa a V. Majestade; sendo, que por atos contínuos sucessivamente executados, se tem experimentado o contrário; aqui neste Estado indo o padre Francisco de Vilhena a assentar ao Recife a trégua, e tirando-lhe por concêrto recíproco as nossas tropas, que tínhamos então naquela campanha, de que se tinham, como por sitiados, pedindo atualmente concertos por seus Deputados ao Marquês de Montalvão, que naquele tempo era Vice-Rei e Capitão Geral dêste Estado havendo-se-lhe, com efeito cumprido da nossa parte, foi de sua tão diferente, que logo avançaram vinte léguas por nossas terras, e com fôrça de armas vieram a tomar a Cidade de São Cristóvão, cabeça da Capitania de Sergipe, que fortificaram, e sustentaram, e foram a tomar-nos ao pôrto, e Capitania do Ceará, e com uma Armada, o Pará e Maranhão, e com outra a ganhar, ao pôrto, e fortaleza da nossa ilha de São Tomé, e a saltar a Cidade de São Paulo de Luanda, cabeça do nosso Reino de Angola, e depois de ratificadas as mesmas pazes, e com som de caixas, e trombetas publicadas individualmente, em cada uma de nossas Conquistas, passaram os holandeses a ganhar, como o fizeram, a nossa fortaleza de Asem na costa da Mina, e foram debaixo da visita da Paz a saltar no Bengo aos nossos moradores, e vassalos, e subditos de Vossa Majestade, matando-os, e roubando-os, de grandes e mui consideráveis somas de fazendas, e prendendo e com pública violência embarcando, e desterrando aos mais, que aqui vieram e parar miseràvelmente, e tornando de novo a tomar-nos a Cidade de São Tomé, e lançando dela, e daquela Ilha aos moradores, indo com seus baixéis a forçar aos da ilha do Príncipe, de Ano Bom e as mais daquela nossa jurisdição, tomaremos o comércio dos portos de Arda, Calabar, e Serra Leoa, e ainda perseguindo, e fazendo-lhes com fôrça pagar direitos as nossas embarcações do peixe, que tomaram na nossa Costa e portos de Argim, na Bahia de Santa Ana, e Angra dos Reinos havendo feito em diferentes ocasiões várias prêsas de nossas embarcações, e no índia quatro anos contínuos depois da paz, pondo suas mãos a impedir o entrar e sair de Goa, e o não podermos comerciar de umas para outras terras nossas tomando-nos todos os baixéis, que puderam, e uma náu grande de viagem dêsse Reino, para Goa, e ùltimamente, indo com armada, e exército a ganharmos Nigumbo em Ceitão, e nesta Costa feito-nos algumas prêsas, e acrescentando a tudo isto de novo, o que agora, e fizeram, tudo, contra terras, vassalos, e fazendas de V. Majestade, que obrigam a persuadir-me, a que ou êstes subditos das companhias têm trato, e aliança secreta, com o inimigo comum castelhano, como tem mostrado, por algumas circuns-

tâncias da obediência, ou se separou da jurisdição de subditos dos Estados das províncias unidas, sem que a outra alguma cousa se possa atribuir tão grande maldade.

Sobretudo tenho mandado aos Mestres-de-Campo, e Tropas de Camarão e Henrique Dias, que logo se recolham, e tanto que o fizerem, como espero dêles, hei de mandar averiguar por uma pesquisa muito exata os culpados nestes desmanchos, e achando, que quebram a trégua, e boa correspondência que é justo e V. Majestade manda se tenha com os holandeses, conforme as Ordens de V. Majestade me deu os farei castigar com todo o rigor. Guarde Nosso Senhor a Real Pessoa de V. Majestade, como a Cristandade, e todos seus vassalos havemos mister. Bahia quinze de outubro de seiscentos e quarenta e cinco. — Antônio Teles da Silva.

Volume II — Lisboa — Portugal — MCMXLII

1646 — JUNHO, 12

Cópia.
Senhor

Pela carta inclusa que agora recebi dos Mestres-de-campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, será presente a V. Majestade como nem por mim, nem por êles está a dar-se cumprimento às Ordens de V. Majestade sôbre o recolher daquela gente, que a pedimento dos do Govêrno de Pernambuco mandei em seu socorro. E segundo os avisos particulares que aqui se recebem cada dia parece certo impossível conseguir-se o intento de V. Majestade nesta parte; E confesso, que não sei que caminho siga porque se continuo na execução das Ordens de V. Majestade e procedo no modo que posso contra aquêles homens, imitam-se da maneira que V. Majestade o vê; se me calo, e os deixo continuar naquela Guerra, que êles chamam pura defensa própria pelas ofensas que recebem falto ao que V. Majestade me manda em matéria tão principal e em que não faltarão inimigos que me Caluniem; Hei de seguir contudo, o que V. Majestade me manda, pôsto que com receios de conseguir efeito contrário, do que pretendo.

Peço a V. Majestade muito por mercê se sirva de querer me advertir, o que hei de responder aos mestres-de-campo enviando com suma brevidade de pessoa de tal respeito, e autoridade que possa ir a Pernambuco executar estas ordens, e acomodar em alguma maneira êste negócio, se êle está ainda em têrmos de ter remédio, e se V.

Majestade é servido, que eu vá fazer esta jornada tôdas as dificuldades que nela se me podem oferecer atropelarei por cumprir com a pontualidade, que devo (a) tudo o que Vossa Majestade fôr servido ordenar-me.

Bahia, 12 de junho de 1646. Antônio Teles da Silva.

1646 — MAIO; 28

Cópia.

Sem embargo dos inconvenientes que se nos representaram a houvermos de dar execução às Ordens de S. Majestade, que Deus guarde enviados por V. Senhoria, o procurarmos fazer sujeitando os entendimentos à obediência; mas não foi possível conseguir-se o intento porque logo que entenderam êstes moradores e os soldados que trouxemos dessa Cidade, que tem com êles o parentesco e amizade que são presentes a V. Senhoria se amotinaram tão desenfreadamente que não só não quiseram cumprir aquelas Ordens recolhendo-se a essa Cidade, como S. Majestade manda, mas não quizeram permitir, que nós o fizéssemos protestando que ou por fôrça ou por vontade havíamos de seguir igual fortuna com êles nesta guerra, e atreveram-se dezoito, que se resolveram a prender-nos, com o que por não fazermos o dano maior nos pareceu dissimular por alguns dias até que pudéssemos persuadir alguns mais poderosos, e ou com todos, ou com alguns pelo menos nos pudéssemos recolher, dando no modo, que nos é possível cumprimento ao que V. Senhoria em nome de S. Majestade nos ordena; com êste acôrdo fomos usando de todos os meios, com esta gente que representando-os umas vêzes as impossibilidades da passagem causada e procurada pelos mesmos holandeses, com a queima, que tão aleivosamente fizeram de nossas Embarcações; Outras a ofensa, que cometiam contra Deus em deixarem tantas Almas, e tantas mulheres, e meninos inocentes entregues à crueldade dos Tapuias; e outras vêzes que não haviam de deixar as honras de suas parentas, e as vidas de seus irmãos, e companheiros à vingança dos holandêses, que era certo não haviam de perdoar a nenhum, como mostrava a experiência, e era presente a V. Senhoria pelas Relações, que daqui lhe temos enviado, sempre se escusaram de nos acompanhar, e de obedecer a estas Ordens de V. Senhoria protestando, que se S. Majestade fôra verdadeiramente informado, do que aqui passava, em nenhuma maneira mandará passar ordens tão alheias das de sua clemência, e cristandade.

Nesta conquista de ânimos andávamos quando recebemos esta segunda ordem, em que V. Senhoria nos refere haver S. Majestade declarado, por ruins vassalos os soldados, e pessoas, que não obedeceram à primeira ordem; com êste aviso foi tal a perturbação e inquietação nesta gente que protestando e jurando todos, de morrerem na emprêsa ou saírem com ela para desengano do mundo todo perdendo as esperanças à fazenda, e a mesma vida, se resolveram em abrasar êstes campos, engenhos, e materiais dêles, com tal fereza, que se não pode esperar fruto algum das terras, em muitos anos, e houve alguns que quiseram pôr em prática matarem suas mulheres, e filhos, para não virem depois de suas mortes, a poder de seus inimigos, e para mais desembaraçados poderem dêles tomar vingança à imitação do que fizeram com os Romanos os moradores da antiga Numancia. Senhor. Desenganasse V. Senhoria que o poder, e indústria do mundo todo não há de persuadir êstes homens a que se fiem dos holandeses, e a que se quietem, e a que deixem de vencer, ou de morrer, sem ficar um só, e falando com o desengano, que devemos ao serviço de Deus, e ao de V. Majestade temos por certo que se aqui vierem mouros, ou Turcos se hão de lançar com êstes homens a prosseguir, e fazer guerra aos holandeses, porque não pode haver inimigo tão cruel, nem nação tão bárbara, que vendo a impiedade, e a tirania dos holandeses, e as misérias e perseguições dêstes desventurados moradores se não irrite contra aquêles, e se não compadeça destoutros. Por remate de tudo dizem a V. Senhoria que desejando muito achar companheiros para nos sair desta confusão nem um só homem achamos, que nos quisesse seguir, antes e forçado encobrir nossos ânimos porque se no-los conhecerem temos por certo, que nos hão de tirar as vidas e estamos com suspeitas que êstes homens depois que viram estas Ordens de V. Senhoria tem mandado pedir socorro a algum Príncipe católico, e tenha V. Senhoria por certo, que se houver algum, que lho queira conceder, ainda que não passe de mil Infantes, que com êles se chegarem, e algumas armas que faltam e êstes moradores hão de ser senhores de do a Recife em muito breves dias e hão de ser muito finos e muito leais vassalos ao Príncipe que os livrar dêste cativeiro, se isto convém ou não ao serviço de S. Majestade e aos estados de Holanda; V. Senhoria o considere estando certo, que para Holanda acabou esta Capitania em todo o sucesso e é muito provável que acabe também para Portugal, até nas esperanças que havia no Reino de se cobrar por concêrto dos holandeses e êste é o estado em que ficamos, Vossa Senhoria pelas entranhas de Cristo o represente a S. Majestade advertindo que sentimos muito no interior de nossos corações ver que o amor que êstes portuguêses tinham a S. Majestade nestes princípios, se haja entibiado mais do

que nos atrevemos a referir, e refinado o ódio contra os holandeses e merecemos seus têrmos, que é ignorância grande esperar alguma hora aqui paz entre duas nações. Arraial de Pernambuco 28 de maio de 1646. — Martim Soares Moreno. — André Vidal de Negreiros.

1646 — NOVEMBRO, 27

Cópia da Carta dos Mestres-de-Campo Governadores de Pernambuco

Em 26 dêste mês chegaram a êste Arraial quatro portuguêses fugidos de um navio em que vinham. Oitenta e seis prisioneiros de Angola, e em sua guarda uma fragata de holandeses; Êstes quatro homens se botaram a nado defronte da Candelária, e pelas notícias que nos deram mandamos logo fazer fogos pelas praias por sinal de que qualquer das paragens em que quisessem dar com o navio através, achariam favor nosso, e foi a diligência de proveito, porque no dia seguinte amanheceu o dito navio na praia da Candelária com a gente tôda a Salvamento e Livres de perigo, esperamos que cheguem para que nos ajudem, e sirvam nesta guerra de soldados. Um dêstes quatro que aqui ficam chama-se Francisco Gonçalves, diz que foi por mandado de V. Senhoria com alguns homens soldados mas criminosos, êste navio em que êles foram, e o outro dessa cidade, deram através em uma passagem que chamam o Sutto, e se meteram em um Batel em que foram buscar a Quanza para tomar fala no arimbo do Capitão Lisandeyra, que ali era morador, e o tinha deixado o Governador Francisco de Sotto Maior por Capitão dos mais moradores que ali havia, para lhe dar aviso de qualquer sucesso, de que tomaram motivo os holandeses para o irem degolar e outro companheiro que tinha consigo cativando aos mais moradores, e no pôsto se fortificaram, e aprisionaram os ditos portuguêses que iam no Batel. Dois navios que iam do Rio de Janeiro tomaram depois de pelejarem com um dêles (em que ia o Alferes Inácio Carvalho a quem cortaram o braço direito) dois dias naturais, e ajuntaram na Loanda todos êstes prisioneiros. Dizem que tomaram os holandeses muita ousadia depois da morte de Francisco de Sotto Maior, que morreu de doença estando preparando a guerra, e artilharia para descer para baixo, afirmam que o ajudaram com peçonha. Ficou em seu lugar Antônio Teixeira de Mendonça com dois adjuntos nomeados pelo mesmo Sotto Maior. Os holandeses foram a Quicama, muito perto de Massangano, e degolaram oitenta portuguêses que acharam nela, trouxeram duas mulheres, e um despenseiro do Sotto Maior prisioneiros.

O Congo está mais rebelado que nunca, publica a amizade com El-Rei Felipe, admitiu na sua Sé um Bispo que foi entre aquêles fra-

des que dessa Cidade partiram; A ginga ficou desbaratada pelos nossos, que lhe cativaram muita gente, e mataram a trinta holandeses que estavam com ela, tomaram muitos Ricos despojos e muitas armas de fogo, que se reputam em mais de quinhentas. Todo êste bom sucesso havia tido Francisco Sotto Maior e prometia outros felices se vivera mais tempo, que em breve havia de concluir aquela emprêsa. Dos navios do Rio de Janeiro recebera um com título de paz e amizade, e depois de poucos dias com a nova desta aclamação, tomaram o navio, e fazendas por perdida, e a gente cativaram, que uma e outra e esta que veio neste navio de que mandaremos a lista em outra ocasião.

Em o dito dia de 26 dêste, se aprisionou um fragmento que certifica a chegada dos oitenta navios, que de novo viera um que dava por aviso que vinham outros mais, sem embargo de que tudo nos parecem traças dos holandeses; todavia temos sabido que é certo virem êstes oito navios.

Também diz o dito fragmento, que Sigismundo era partido havia quatro noites, em seis navios com doze companhias e que não sabia a derrota que lavavam, e ainda que certifica ver embarcar com seus olhos esta gente, nós o duvidamos muito assim na quantidade da gente, como na partida, porque não faltam navios do que se tinham contados no Pôrto do Recife e fora dêle, se diz que ouvira dizer fôra para a parte da Paraíba, para virem Rompendo, e senhoreando a Companhia e quando assim seja certificamos a V. Senhoria debaixo do favor do Céu, será para sua perdição, porque todo o poder de Holanda não tememos, tendo o favor e socorros de V. Senhoria que Nosso Senhor Guarde muitos anos, Arraial, em 27 de novembro de 1646. Martim Soares Moreno — André Vidal Negreiros — João Fernandes Vieira.